

Eliana Rigotto Lazzarini

Doutora em Psicologia (UNB),
psicóloga, mestre em Psicologia Clínica,
psicodramatista, professora.

Terezinha de Camargo Viana

Doutora, professora adjunta do Instituto
de Psicologia da Universidade de Brasília.

Cássio Marcelo Batista Veludo

Psicólogo, mestrando em Psicologia (UNB),
psicodramatista em formação pelo CPP-DF.

A SUPERVISÃO NA FORMAÇÃO DO PSICOTERAPEUTA

RESUMO

Destacamos neste artigo aspectos que consideramos fundamentais para o processo de ensino/aprendizagem em psicologia clínica, baseados em nossa experiência como supervisores para alunos de graduação em Psicologia na Universidade de Brasília. Enfocamos particularmente a formação do papel de terapeuta, enfatizando nisto a relevância da supervisão. Destacamos o psicodrama como método de trabalho, e a utilização do *role-playing* como técnica. Nosso objetivo mais amplo é contribuir para a reflexão sobre as características do ensino clínico, bem como sobre a qualidade da formação do psicólogo.

DESCRITORES

Psicodrama; supervisão; *role-playing*; clima terapêutico.

ABSTRACT

Based on our experiences of supervising graduate psychology students at the University of Brasilia, within this paper we present aspects that we consider fundamental for the training/learning of clinical psychology. Our main focus is on the training of the therapist role, with a strong emphasize on the importance of supervision within this process. We highlight psychodrama as a working method and the use of role-playing as a technique. Our wider objective is to contribute to the reflections regarding the characteristics of clinical training, as well as the quality of psychology training.

KEYWORDS

Psychodrama; supervision; role-playing; therapeutic climate.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo tem a proposta de refletir sobre a importância da supervisão para a construção do papel de psicoterapeuta, com a utilização do psicodrama como método de trabalho. Para tanto, partiremos da concepção de que a supervisão é um espaço de aprendizagem especial e, portanto, com características e enquadramento diferenciados.

No espaço da supervisão a articulação entre teoria e prática acontece de modo não convencional, ou seja, o supervisor não tem o papel de transmitir a teoria, *“mas sim de fazer a revisão conceitual e, nesse sentido, indicar leituras que permitam aprofundar ou ampliar os conceitos à luz do material clínico que se está trabalhando”* (Calvente, 2002, p. 104).

Durante as sessões de supervisão utilizam-se vivências, jogos e técnicas psicodramáticas com o objetivo de ampliar o “como fazer” próprio do papel que está em treinamento. O objetivo é que tais atividades e vivências desenvolvidas durante o processo, bem como a interação do grupo através dos comentários e do compartilhamento, possam provocar no supervisionando uma ampliação do conhecimento de si mesmo, o que vai favorecer uma melhor compreensão de sua identidade profissional.

Bucher (1989) aponta que o objetivo principal de uma relação pedagógica é *“formar alunos para que se tornem aptos a exercer determinadas atividades”* (p. 111). Analisada por este ângulo, a supervisão pode ser vista como um procedimento pedagógico – por isto o complemento “didática”, que normalmente segue o termo –, que figura como etapa acadêmica de um curso. O autor aponta ainda que a finalidade de uma relação pedagógica é a *“emancipação plena do aluno”* (p. 111) e não a manutenção da hierarquia que inicialmente o separava do professor. Acreditamos que se possa afirmar o mesmo de um trabalho de supervisão.

A SUPERVISÃO DIDÁTICA

Na formação do psicólogo clínico, a supervisão tem como finalidade dar ao terapeuta-aluno, de forma sistemática, o contexto relacional apropriado à reflexão sobre a situação psicoterápica. Além disto, a supervisão contextualiza o desenvolvimento ou a experimentação de um estilo próprio no desempenho do papel profissional, que é a marca do profissional em atuação.

Do ponto de vista institucional, a supervisão em psicologia clínica se justifica pela contribuição para o aprimoramento da interação entre teoria e prática na universidade e pela necessidade de abertura de um campo de formação, de pesquisa e de prática para os alunos de graduação. Justifica-se ainda pela atenção oferecida à demanda crescente da comunidade para os serviços de psicologia clínica. Na perspectiva dos alunos, a supervisão se justifica pela dificuldade própria em manejar determinadas situações na relação com o paciente e, também, pela oportunidade de averiguar como o seu caso clínico seria trabalhado por outro profissional.

Um aprendizado de extrema importância para o desenvolvimento do papel de psicoterapeuta é a habilidade de criar e manter em relação ao seu paciente o que Dias (1994) denomina de clima terapêutico. O clima terapêutico é um clima afetivo que favorece o amadurecimento psicológico, permitindo estabelecer uma relação de respeito entre o terapeuta e seu paciente.

De acordo com Dias (1994), *“o estabelecimento do clima terapêutico é de exclusiva responsabilidade do terapeuta e está ligado ao seu grau de amadurecimento como profissional e como pessoa”* (p.57). Três aspectos são fundamentais para que o terapeuta possa conseguir estabelecer o clima terapêutico, base do processo psicoterápico. São eles: a psicoterapia própria, o conhecimento teórico e a supervisão. A integração deste tripé é prática fundamental exercitada nas sessões de supervisão, o que estimula o germinar, no terapeuta iniciante, da habilidade para o entendimento da dinâmica do seu paciente e para a separação entre seus próprios conteúdos emocionais e os conteúdos de seu paciente.

De acordo com Aguirre e cols. (2000), para poder empatizar com o paciente é necessário poder se colocar no lugar deste sem, porém, confundir-se com ele, caso contrário o terapeuta correria o risco de diagnosticar as suas próprias dificuldades como se fossem as de seus pacientes, o que turvaria a sua capacidade de observação ou, ainda pior, impossibilitaria a formação de um ambiente terapêutico acolhedor e protegido. Calvente (2002) resume claramente essa idéia, ao afirmar ser comum que *“por trás das cenas que o terapeuta não consegue resolver, ou ajudar seu paciente a resolver, apareça uma cena pessoal que o aflige, ligada a sua própria história”* (p. 126). O autor propõe que as técnicas de dramatização, quando utilizadas na supervisão, facilitam a recriação das situações-problema e a detecção das cenas pessoais que estejam interferindo no trabalho terapêutico.

Outra tarefa primordial da supervisão é a de estabelecer um espaço de confiança por meio do contrato de sigilo entre os elementos do grupo de supervisão, tanto em relação ao material dos pacientes quanto ao que acontece dentro do grupo. Esse enquadramento tem por finalidade criar no grupo de supervisão um clima continente para as ansiedades que emergem no trabalho, o que, por sua vez, acaba servindo como um modelo para utilização dos próprios alunos, no momento em que estiverem lidando com a ansiedade de seus pacientes.

ASPECTOS DA SUPERVISÃO DIDÁTICA

Um aspecto da supervisão consiste em compreender a relação terapeuta-paciente pela relação supervisor-supervisionando. Supervisor e supervisionando devem refletir juntos sobre a atuação deste e, então, decidir pela intervenção que melhor se adapte à situação. Essa reflexão, todavia, não deve ser aprofundada a ponto de se estabelecer um vínculo psicoterápico, pois o espaço de supervisão, didático em sua essência, não pode ser confundido com o espaço terapêutico.

Essa delimitação do espaço de supervisão em detrimento do espaço tera-

pêutico é fundamental, pois, apesar deste artigo enfatizar a importância, na formação profissional do clínico, do tripé terapia pessoal – teoria – supervisão, não é na supervisão que o aprofundamento da terapia pessoal deve ocorrer.

Outra característica da supervisão didática é o aprimoramento da técnica e da teoria. As intervenções do supervisor, à luz da teoria e da técnica, facilitam o entendimento das situações vivenciadas pelos supervisionandos no consultório. A teoria, como conjunto de pressupostos ou paradigmas, fundamenta a compreensão da dinâmica do cliente e o trabalho do terapeuta-aluno. A supervisão, neste sentido, fala do “como entender” o objeto de trabalho e também do “porquê” da utilização das técnicas.

Um terceiro aspecto diz respeito à forma da supervisão. Assim, no tocante à duração, a supervisão didática pode ser esporádica, quando corresponde a um episódio conclusivo em si mesmo, ou processual, quando há continuidade através de diversos seguimentos. Quanto ao número de integrantes, a supervisão pode ser individual, quando o supervisor trabalha com apenas um supervisionando, ou grupal, quando trabalha com vários. Os fatores que definem a escolha da atuação são o referencial teórico, o instrumental técnico, a experiência do supervisor e a demanda dos supervisionandos.

TEORIA PSICODRAMÁTICA E SUPERVISÃO DIDÁTICA

Concordamos com Calvente (2002), quando diz que o psicodrama é um dos instrumentos mais adequados para promover, na supervisão, o aspecto vivencial. De fato, o método de trabalho da abordagem psicodramática configura instrumento apropriado nas intervenções didático-técnicas da supervisão, uma vez que possibilita a recriação das cenas e situações vivenciadas pelo terapeuta-aluno no contexto psicoterápico, o que facilita a elucidação da dinâmica do paciente e a decisão quanto aos procedimentos a serem utilizados.

Moreno (1975), criador do psicodrama, descreve como recursos inatos do homem os fatores espontaneidade e criatividade. Ele se refere à espontaneidade como a capacidade do homem de agir de forma adequada, permitindo a manifestação de seu potencial criativo, o que geraria respostas novas a situações novas ou antigas, e tornando-se agente de seu próprio destino. Para Moreno, a espontaneidade está intimamente ligada à adaptação.

Muito além desses conceitos, o pai do psicodrama idealizou a sociometria, teoria na qual encontraremos em destaque o conceito de papel e a teoria dos papéis. A teoria dos papéis explica, sobretudo, o conjunto de posições imaginárias assumidas pelo indivíduo desde seus primórdios, na relação com os demais.

O conceito de papel como unidade cultural é fundamental na prática de supervisão. Segundo Moreno (1975):

“Cada papel aparece como uma fusão de elementos individuais e coletivos; resulta de duas classes de fatores: seus denominadores coletivos e suas diferenciações individuais. Pode ser útil distinguir a tomada ou aceitação do papel – quer dizer, o fato de aceitar um papel já feito e

inteiramente constituído que não permite ao sujeito a menor fantasia com o texto estabelecido – o desempenho do papel – que tolera certo grau de liberdade – e a criação do papel – que deixa uma ampla margem à iniciativa do ator, como é o caso do ator espontâneo. Os aspectos captáveis daquilo que se chama “eu” aparecem nos papéis em que este atua. Os papéis e as relações entre os diversos papéis constituem a melhor revelação de uma determinada forma cultural. (...). O papel aparece antes de que surja o eu. Não são os papéis que emergem do eu, senão é o eu que pode emergir dos papéis” (1954, p.69).

É essa construção que a supervisão didática proporciona, pois durante as sessões com o terapeuta-aluno a construção da identidade profissional – iniciada no contato com o paciente – consolida-se, por meio da atuação no papel de supervisionando.

Dito de outra maneira, a supervisão com abordagem psicodramática tem por finalidade o treino do papel de psicoterapeuta por meio da reflexão e aprendizado teórico e técnico mobilizados pelas dificuldades que aparecem durante a experiência direta em consultório. No lugar de treino do papel, Calvente (2002) trabalha com o conceito de terapia do papel e elege a supervisão como espaço privilegiado para essa experiência.

Ainda sobre o conceito de papel, Bustos (2001) coloca que cada papel envolve um contrapapel denominado papel complementar. Para que haja complementaridade, segundo o autor, deve-se ter consciência do vínculo que une, mas que também diferencia, separa cada papel. Nesse sentido, a supervisão é espaço privilegiado no qual pode-se ajudar o terapeuta-aluno a realizar essa separação.

ROLE-PLAYING – A CONSTRUÇÃO DO PAPEL

Apoiada nas idéias de Moreno, a metodologia da supervisão com técnicas psicodramáticas propõe que a supervisão seja parte integrante da construção do papel de terapeuta. Moreno (1954) indica que o primeiro estágio na construção de um papel é a assunção ou tomada de papel (*role-taking*). A imitação de modelos apresentados é o que caracterizaria essa etapa. Num segundo momento inicia-se o desempenho do papel (*role-playing*), para chegar finalmente ao estágio final, à criação do papel (*role-creating*), momento no qual o aprendiz já é capaz de incorporar as conservas culturais relacionadas ao papel e a elas integrar elementos próprios oriundos do seu potencial criador.

Calvente (2002), discorrendo sobre a construção do papel de terapeuta, diz que:

“quando o estudante se sente identificado com seu papel, pode representá-lo com espontaneidade e vivenciá-lo de modo integrado com o restante de sua pessoa, o que lhe permite desempenhá-lo com estilo próprio e com uma quantidade cada vez menor de ansiedade. Seguindo a idéia moreniana, quanto menor a ansiedade, maior a espontaneidade e a criatividade e vice-versa” (p.113).

É interessante observar o progresso dos supervisionandos através destas etapas. À medida que o terapeuta-aluno aprofunda-se mais na experiência e busca colocar em prática os apontamentos oferecidos durante as reflexões no grupo de supervisão, começa a criar familiaridade com as técnicas e, principalmente, com a leitura clínica dos seus casos. Aos poucos o manejo da sessão torna-se cada vez mais eficiente: erros são analisados, decisões são orientadas e explicadas e, assim, o próprio supervisionando começa a construir seu próprio ritmo e estilo profissional.

O desempenho de papéis, ou *role-playing*, é o método de trabalho que mais utilizamos na supervisão com técnicas psicodramáticas, especialmente com a transformação do próprio grupo em supervisão em matriz do aprendizado. Acreditamos que a troca de experiências e o apoio mútuo, acrescidos do uso constante de *role-playing*, permitem o aperfeiçoamento das capacidades do supervisionando. A esse respeito, afirma Naffah Neto:

“O método do role-playing “interpretação de papéis” – transformado posteriormente por uma certa prática ideológica em “treinamento de papéis” – busca, como método, uma pesquisa, explicitação e transformação dos papéis, tomando-os em sua dimensão dinâmica ou interativa. A nosso ver ele representa uma derivação do teatro espontâneo da mesma forma que o sociodrama e o psicodrama foram derivações do teatro terapêutico. Mas na verdade, é menos específico que os métodos sociátricos: visa à educação e ao desenvolvimento da espontaneidade de uma forma mais global, enquanto o psicodrama e o sociodrama especificavam-se no “tratamento” das patologias. Por isso o role-playing tornou-se o método central do psicodrama pedagógico ou educacional” (1997, p.197).

O *role-playing*, como método de supervisão no psicodrama, utiliza a representação dramática em substituição ao relato verbal do caso. Cria-se, dessa forma, no espaço da supervisão, uma situação na qual o supervisionando assume, geralmente, o seu próprio papel e o papel de seu paciente, desempenhando as várias nuances do processo psicoterápico que se desenrolam na sessão, como se a sessão estivesse se repetindo no grupo de supervisão. Esse espaço do “como se” também oferece a possibilidade do supervisionando testar previamente suas ações e atitudes, diante do comportamento de seus pacientes, sem a sobrecarga de ansiedade que a situação real fatalmente acarretaria.

Segundo Zimerman e Osório (1997), o *role-playing* em supervisão tem como função preencher as lacunas do material da sessão que já ocorreu bem como possibilitar uma visão estratégica do ocorrido. De acordo com os autores, o supervisionando, por estar numa posição que implica um menor comprometimento, pode passar a dominar suas ansiedades. A situação vivida, dessa forma, pode deixar de ser fonte de paralisação por não ser mais nova ou desconhecida.

O *role-playing* permite ao supervisionando reviver uma sessão já ocor-

rida experimentando tanto o seu papel de terapeuta como o contra-papel de paciente. Essa experiência especular amplia o espectro de observação e compreensão da dinâmica de seu paciente e do seu próprio desempenho profissional. Desse modo, o método do *role-playing*, além de proporcionar o desempenho de papéis, oferece ainda ao supervisionando a oportunidade de se observar em ação, como se estivesse frente a frente com um paciente, todavia, sem a tensão que essa situação real desencadeia.

UM MODELO DE TRABALHO - A SUPERVISÃO NA PRÁTICA

Nosso modelo de supervisão é estruturado de acordo com as etapas de uma sessão de psicodrama: aquecimento, dramatização e comentários ou elaboração.

Na primeira parte, o aquecimento, solicita-se do supervisionando um relato verbal o mais explícito possível da psicoterapia de seu paciente. Tal procedimento, além de aquecer o supervisionando para o desempenho no papel do paciente, permite-nos visualizar, em primeiro lugar, quais fatos ou dinâmicas foram eleitos na leitura deste paciente. Não se pede, normalmente, que seja relatada uma sessão específica, pois o que importa é observar como o supervisionando internaliza seu paciente.

Após o relato, pede-se que o supervisionando adote o papel do paciente, para ser entrevistado por algum integrante do grupo de supervisão de sua escolha. Utilizam-se muitas vezes algumas técnicas dramáticas, principalmente o espelho e a inversão de papéis, colocando o supervisionando para desempenhar o papel de seu paciente e também o seu papel na sessão de supervisão e, eventualmente, colocamos o ego auxiliar no papel do supervisionando, para que ele possa “se ver” no seu próprio papel. Este procedimento dura em média de 10 a 20 minutos, tempo suficiente para que a dinâmica toda possa ser observada.

Na última etapa realiza-se o processamento da sessão de supervisão. O grupo tece comentários e reflexões sobre o caso supervisionado, e alguns apontamentos teóricos e técnicos são levantados pelos integrantes, em especial pelos supervisores. É nesse momento também que as dúvidas do supervisionando podem ser dirimidas, e tomam-se algumas decisões concernentes ao encaminhamento do caso.

Quatro tópicos, e nisto seguimos Dias (1996), sistematizam o método de supervisão aqui apresentado:

1. Angústia: porta de entrada da psicoterapia. Seu diagnóstico é fundamental como norteador da conduta que deverá ser tomada pelo terapeuta perante o paciente.

2. Discurso: a decodificação do discurso do paciente vai informar o que ele realmente está nos comunicando do ponto de vista diagnóstico. Este discurso pode vir de diversas formas, variando bastante entre os pacientes. Os discursos geralmente apresentam formas queixosas, vitimizadas, impositivas, disfarçadas, acusatórias, persecutórias, entre outras.

3. Proposta de relação: é a forma implícita, no discurso do paciente, que direciona o tipo de relação que ele tenta estabelecer com o terapeuta. Geralmente, é um tipo de “*relação interna complementar patológica*”

(Dias, 1996, p. 120) que o paciente pode assumir, esperando uma complementaridade por parte do terapeuta. A proposta de relação fala da dinâmica psicopatológica do paciente.

4. Estágio da psicoterapia: refere-se ao ponto em que a psicoterapia está paralisada ou ao ponto em que o supervisionando está trabalhando com seu paciente. É importante a definição dos momentos em que se encontram as psicoterapias no decorrer de seu curso para que se possa melhor utilizar as técnicas dramáticas e as condutas apropriadas a cada um destes momentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em alguns momentos, no decorrer deste artigo, o supervisionando foi propositalmente designado por terapeuta-aluno. Isto porque, ao iniciar um atendimento clínico ainda como aprendiz, o aluno passa a ter a oportunidade de exercer o papel profissional de psicoterapeuta. Desta forma, o supervisionando sobrepõe ao papel de aluno, perante seu professor-supervisor, o de profissional-terapeuta perante seu paciente. Por sua vez, o supervisor também desempenha o duplo papel de professor, que ensina e avalia, e de terapeuta, uma vez que dirige o grupo de supervisão procurando estabelecer um clima terapêutico de proteção e continência.

Para o aluno, esta dupla vivência parece proporcionar as experiências necessárias para o desenvolvimento do papel profissional em formação. No caso do supervisor, introduzir o aluno e futuro colega de profissão neste contexto e orientá-lo nos caminhos complexos que se lhe apresentam constitui um fascinante desafio e uma fonte de satisfação profissional. Tal tarefa pode se considerar bem-sucedida caso o aluno-terapeuta consiga, ao longo do estágio, integrar seu aprendizado teórico ao prático, direcionar seu raciocínio clínico para a compreensão da dinâmica de seus pacientes e promover, no contexto terapêutico, ações que facilitem a psicoterapia de seus pacientes.

Ao longo dos trabalhos de supervisão didática observa-se que, geralmente, o terapeuta-aluno aborda os casos de seus pacientes nos quais encontrou algum tipo de dificuldade. Dias (1996) aponta que tais dificuldades podem estar relacionadas ao desempenho do papel de terapeuta que se encontra ainda em formação, às questões teóricas relativas à dinâmica psíquica do paciente, às questões práticas de emprego das técnicas e, principalmente, às questões relacionadas às dinâmicas psíquicas do próprio supervisionando. Nesse sentido, a supervisão consolida-se como ferramenta básica e essencial ao processo psicoterápico, justamente por proporcionar o espaço protegido no qual todas essas dificuldades podem ser resolvidas.

Por certo não foram explorados todos os pontos relacionados à supervisão. Não obstante, procuramos sistematizar alguns conceitos e destacar aspectos que consideramos relevantes para o processo de aprendizagem do papel de terapeuta. Esperamos, desse modo, contribuir com a reflexão sobre o ensino da prática clínica bem como sobre a qualidade da formação do psicólogo clínico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIRRE, A.M.B; HERZBERG, E.; PINTO, E.B.; BECKER, E.; CARMO, H.M.S.; SANTIAGO, M.D.E. *A formação da atitude clínica no estagiário de psicologia*. Em **Psicologia USP**, 2000, vol. 11, n.1, pp. 49-62. ISSN 0103-6564
- BUCHER, R.E. **A psicoterapia pela fala**: fundamentos princípios, questionamentos. São Paulo: EPU, 1989.
- BUSTOS, D.M. **Perigo... Amor à vista**. São Paulo: Aleph, 2001.
- CALVENTE, C. **O personagem na psicoterapia** – Articulações psicodramáticas. São Paulo: Ágora, 2002.
- DIAS, V.R.C.S. **Análise psicodramática** - Teoria da programação cenestésica. São Paulo: Ágora, 1994.
- _____. **Sonhos e psicodrama interno**. São Paulo: Ágora, 1996.
- MORENO, J.L. **Fundamentos de la sociometria**. Buenos Aires: Paidós, 1954.
- _____. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1975.
- NAFFAH NETO, A. **Psicodrama**: Descolonizando o imaginário. São Paulo: Plexus, 1997.
- ZIMERMAN, D.E. e OSÓRIO, L.C. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Endereço dos autores:

Eliana Rigotto Lazzarini CRP 01/0551
SHIS QL 08, conjunto 09, casa 13 - Brasília - DF
E-mail: elianarl@terra.com.br

Terezinha de Camargo Viana
SQN 208 Bloco B apto. 603 Brasília DF
E-mail: tcviana@unb.br

Cássio Marcelo Batista Veludo
SHIN QI 9 conjunto 11 casa 19 Brasília DF
E-mail: cassio.cmbv@dpf.gov.br

